



Universidade de Brasília
Instituto de Artes
Departamento de Artes Visuais

FILIPE AUGUSTO ALVES DE SOUZA

**O REAPROVEITAMENTO RESIDUAL EM ESPAÇO
EXPOSITIVO:**

**ALTERNATIVAS MATERIAS PARA OFICINAS, ESTRATÉGIAS PARA COLETA E
CONSCIENTIZAÇÃO.**

Brasília, 2013

FILIPE AUGUSTO ALVES DE SOUZA

**O REAPROVEITAMENTO RESIDUAL EM ESPAÇO
EXPOSITIVO:**

**ALTERNATIVAS MATERIAS PARA OFICINAS, ESTRATÉGIAS PARA COLETA E
CONSCIÊNCIAÇÃO.**

Monografia apresentada junto ao Curso de Artes Visuais,
habilitação em Educação Artística, Licenciatura, do
Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da
Universidade de Brasília.

Orientadora: Prof^ª Lisa Minari

Brasília, 2013

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Marília Panitz e ao Carlos Silva, coordenadores do Programa Educativo Artes Visuais do Centro Cultural Banco do Brasil – também professores da Universidade de Brasília – pelo suporte teórico e prático na área de mediação. As reflexões tecidas neste trabalho se tornaram possíveis devido ao convívio profissional com estes dois professores durante alguns anos.

Agradeço à Arlene, amiga/supervisora pelo incentivo além de fazer a revisão.

Agradeço também à Prof^a Lisa, minha orientadora. Foi um grande presente conhecê-la e poder com ela compartilhar tudo nesta caminhada.

SUMÁRIO

LISTA DE IMAGENS	5
INTRODUÇÃO	6
CAPÍTULO 1 – MEDIADOR E MEDIAÇÃO.....	8
1.1. A Mediação	8
1.2.O Mediador	10
CAPÍTULO 2 –A ARTE DO REAPROVEITAMENTO.....	11
2.1. A Experiência nos Campana	13
2.2. A Experiência no Cai Guo Qiang	16
CONCLUSÃO	19
REFERÊNCIAS	21

LISTA DE IMAGENS

Figura 1. http://vallereciclar.blogspot.com.br/2010_05_01_archive.html
Acessado em 27/07/2013 (pág. 7)

Figura 2. Vik Muniz, *The Gipsy (Magna)*, da série *Pictures of Garbage*, 2008. Dimensões: 128,39 x 101,6 cm /50,55 x 40. Fonte: < <http://artnews.org/vikmuniz/?s=1>,> Acessado em 15/07/2013 (pág. 12)

Figuras 3, 4, 5, 6 e 7. Registro fotográfico de momentos e resultados de oficinas com escolas agendadas à exposição *Anticorpos* dos Irmãos Campana. Acervo próprio. (pág. 15)

Figura 8 http://english.caixin.com/2013-04-08/100511066_2.html Acessado em 27/07/2013. (pág. 16)

Figura 9 e 10. Registro fotográfico de visitas e oficinas à exposição do artista Cai Guo Qiang. Acervo próprio. (pág. 18)

INTRODUÇÃO

Ao longo de minha graduação pude perceber a dificuldade que nós alunos de Artes Visuais temos em adquirir materiais para o exercício de atividades práticas simplesmente pelo custo elevado destes materiais. E cansado de escutar frases do tipo “- Arte é coisa de rico!” ou “- Coisa boa é coisa cara!” que foi despertado o intuito de minha parte em desenvolver alternativas materiais que pudessem servir aos fazeres práticos exigidos pelos professores. Tal ideia acabou sendo aplicada em âmbito profissional pela mesma necessidade vista ao longo da graduação e foi o que possibilitou este projeto de conclusão de curso.

Quando se visita uma mostra expositiva, muitas vezes o espectador não se dá conta do quão laborioso é a montagem da expografia¹ e a quantidade de materiais que são utilizados para obter-se como resultado final, um ambiente de imersão contemplativa para o espectador.

Durante dois anos atuando como mediador no Programa Educativo² do Centro Cultural Banco do Brasil – Brasília pode se observar tanto a montagem das exposições quanto a desocupação das galerias. A desmontagem ocorre durante a primeira semana após o fim da exposição, esse é o período em que o Programa Educativo do CCBB fica apenas com a função informativa nos balcões e os contratos temporários dos mediadores se encerram. Em alguns momentos, por haver uma segunda mostra paralela, pode ser estendido também o prazo dos contratos temporários o que possibilita que acompanhemos a remoção do aparato expo gráfico.

Na desmontagem, por exemplo, é retirado todo o material da expografia das galerias para que se inicie a nova montagem. Paredes em MDF são reaproveitadas, mas costumam sobrar materiais descartados utilizados no transporte das obras como, por exemplo, plástico bolha, isopor, etaflon, bem como tintas que seriam usadas para retoques ao longo da exposição. Já na montagem – que acontece geralmente no período de duas semanas e coincide com o período de treinamento dos mediadores feito no próprio CCBB – conforme os espaços

¹ Diz respeito ao arranjo expositivo em que as galerias são submetidas no processo de montagem e que envolve determinados procedimentos técnicos no espaço expositivo tais como pintura do ambiente, instalação de lâmpadas, inserção dos textos curatoriais nas paredes, posicionamento das obras, ou seja, é a adequação das galerias para o acolhimento das obras e tudo isso de acordo com os critérios curatoriais, no intuito de favorecer a imersão do espectador.

² O Programa Educativo do CCBB de Brasília recebe turmas agendadas de escolas públicas e particulares, de faculdade e universidade, de Centro de Orientação Sócio Educacional (COSE), de Colônia de Férias, além de grupos afins e de institutos de saúde como o Hospital de Pronto Atendimento Psiquiátrico (HPAP) e o Hospital de reabilitação Sarah Kubitschek, por exemplo. As escolas públicas do DF são privilegiadas com um ônibus gratuito por instituição.

ficam prontos, os materiais que sobram são reunidos sempre em um mesmo local do CCBB antes de serem descartados e é neste momento em que surgem algumas perguntas: Quais dos materiais e como poderiam ser utilizados pelo Programa Educativo caso nos fossem concedidos os descartes? E o material proveniente da própria instituição, tais como cartazes, revistas, elásticos para escritório e papelão – sempre bem-vindos em nossas atividades práticas – não poderiam ser destinados ao Programa Educativo? Já que as lixeiras do espaço permitem a coleta seletiva de materiais, qual seria a finalidade deste propósito? Ou Marketing?

Infelizmente pelo que pude vivenciar ao longo de minha permanência na instituição é que a relação marketing e propósito pedagógico são condições imiscíveis. Enquanto um se contenta com uma “foto divulgação” (fig. 1) que enalteça seu investimento como fosse altruísmo, o propósito pedagógico já envolve uma relação direta com o público o que faz com que os mediadores sintam na pele a insatisfação do público diante serviços oferecidos pelo CCBB como, por exemplo, o equívoco por parte da instituição em querer que nós mediadores sejamos “guias” dos visitantes ao invés de mediadores que constroem uma relação de aprendizagem ao fazer provocações que possibilitem a participação do espectador na construção mútua do conhecimento.



Figura 1 - Lixeiras para coleta seletiva CCBB – Brasília

Tais inquietações e questionamentos me levaram a pensar alternativas para o reaproveitamento do lixo como opção sustentável na elaboração das oficinas, quais os meios para obtenção deste material e se os resultados das oficinas correspondem ao processo de construção de conhecimento segundo a proposta pedagógica do Programa Educativo no CCBB. E para iniciar este trabalho é necessário conhecer os aspectos metodológicos do Programa Educativo que servem como diretrizes para a atuação dos mediadores.

Capítulo 1. MEDIADOR E MEDIAÇÃO

1.1 A Mediação

Desde 2011 quando fui selecionado para participar da exposição *Oneness* da artista japonesa Mariko Mori mantenho o trabalho de mediação em galerias de arte com o Programa Educativo no Centro Cultural Banco do Brasil – Brasília, concomitantemente ao processo de graduação em Artes. A empreitada proporcionou-me uma profusão de sensações e saberes. A cada dois ou três meses (período de permanência das exposições) toda a equipe mergulha em um novo universo a ser descoberto: uma exposição historiográfica sobre o Islã nos coloca em contato com a cultura oriental, seus costumes, sua língua, sua arte; outra exposição sobre o polêmico e prolífico artista brasileiro Flávio de Carvalho nos leva a conhecer outras nuances do modernismo brasileiro, suas histórias, obras, influências... Desta maneira, dentro de um ano, o conhecimento apreendido é variado e abrangente. Falo de quantidade e qualidade, uma vez que o que é estudado antes de a exposição ter início é colocado em teste no contato com o visitante, em especial com as turmas. Esse contato nos permite a troca: obra, fruidor e mediador trocam sentimentos, sensações, ideias, percepções, olhares, saberes... E durante a vigência da exposição mantem-se a construção do saber, ou seja, a cada turma mediada, a cada visitante atendido, mais saberes são gerados e compartilhados.

O mediador é o provocador que desperta o olhar desatento, ele não é a “pessoa que explica” e nem é o guia de fala ensaiada. A sua função é instrumentalizar o fruidor para que ele possa trilhar seu próprio caminho. Geralmente a mediação se dá através de questionamentos, perguntas aparentemente despreziosas que instigam o olhar, que despertam no observador a curiosidade. Para tanto, a mediação trabalha com a educação do olhar.

O Programa Educativo Artes Visuais do CCBB é um serviço terceirizado que trabalha com educação dentro dos espaços expositivos. Há uma equipe que possui contrato fixo composta por dois mediadores e dois supervisores. Há também uma equipe de mediadores temporários, da qual faço parte, que trabalha por exposição, agregando novos olhares e ânimos diferenciados ao trabalho. Assim, o corpo de mediadores é formado, a cada mostra, por estes dois grupos, um deles sendo permanente e outro rotativo.

Lembrando que o CCBB disponibiliza ônibus gratuito para escola pública, quando agendadas e um micro-ônibus para os visitantes espontâneos. Este, identificado, circula em alguns pontos estratégicos de Brasília. Mas além da acessibilidade física o Centro Cultural disponibiliza também um Programa Educativo². A partir disso trabalha-se diretamente com formação de público, uma vez que o acesso físico é viabilizado através do transporte e o acesso pedagógico através do corpo de mediadores que está disponível para atender tanto o público agendado quanto o espontâneo.

Ao longo das duas semanas que precedem a abertura da exposição todo o corpo educativo passa por um treinamento focado na temática da mostra, com base em textos curatoriais, metodológicos e críticos de história da arte.

O trabalho nas galerias demanda mais do que bagagem vasta no que concerne ao conteúdo. O mediador, apesar de conhecer a exposição, o artista, o discurso do curador e obter informações das mais variadas fontes, não vai usar diretamente seu conhecimento sobre o visitante no intuito de informá-lo. Ao contrário, o mediador, muitas vezes, inicia seu trabalho confundindo o espectador. Os questionamentos do visitante são fundamentais para instigar o olhar na mediação, fazendo com que o público abandone a condição de mero visitante para assumir a postura de observador, fruidor. Trabalha-se a autonomia do indivíduo, para que ele construa suas próprias narrativas, seu próprio conhecimento, ou seja, assuma seu papel de ser pensante. Considerando seres pensantes de acordo com o conceito de Edgar Morin:

*A atividade pensante comporta invenção e criação. [...] O movimento organizador e criador do pensamento é um complexo dialógico que aciona as competências complementares e antagônicas da mente, como distinguir/ligar, diferenciar/unificar, analisar/sintetizar, individualizar/generalizar, abstrair/concretizar, deduzir/induzir, objetivar/subjetivar, verificar/imaginar.*³

³ MORIN, Edgar. *O Método: a humanidade da humanidade. A identidade humana*. 3ª edição. Porto Alegre: Sulina, 2005. (p. 102)

É sempre importante lembrar que o treinamento não tem o intuito de condicionar uma fala. O encontro entre visitante, obra e mediador é o definidor do discurso; a cada novo encontro, novo diálogo, nova troca de experiências e o ato de contextualizar também pode ser dinamizado com a participação do fruidor à medida que ele contribui com informações teórico-históricas de seu conhecimento.

E para que se possa compreender melhor o papel do mediador é necessário levar em consideração o processo seleção e treinamento dos mediadores.

1.2 O Mediador

Os mediadores são selecionados em duas etapas. Na primeira etapa, que é uma entrevista com os coordenadores do Programa Educativo, são levados em consideração aspectos como experiências anteriores em arte educação, habilidade de interação com público espontâneo, noções teóricas sobre a temática da exposição que será montada (por este motivo o critério para escolha dos participantes tem seu foco em alunos de diversas áreas a partir do 5º semestre) além do interesse pessoal pelo assunto da exposição.

Os que foram selecionados na primeira etapa são convidados para participar de um treinamento que acontece no próprio CCBB e que tem duração, como já foi mencionado anteriormente, de duas semanas. Durante esse período são orientados os assuntos por meio de material impresso (apostila) selecionado segundo a ótica contextual dos Coordenadores Pedagógicos que estabelecem nosso primeiro contato com assuntos inerentes à exposição através de discussões no âmbito dialógico além de apresentações individuais de textos contidos na apostila. É importante ressaltar que no primeiro dia são formados grupos com a participação, em cada um deles, de um supervisor ou um mediador fixo – que geralmente possui grande experiência na área de mediação em espaços de arte. O treinamento é finalizado com a apresentação dos percursos ideais, que consistem no exercício de pensar a prática focando em uma faixa etária, uma série, ou um grupo específico, por exemplo, 1º ciclo do Ensino Fundamental, Hospital Sarah, público espontâneo.

No último dia de treinamento, após a equipe estar em constante avaliação segundo critérios de pontualidade, de coerência crítica na apresentação dos textos assim como de assiduidade no treinamento, os mediadores são então selecionados.

Os mediadores passam a cumprir horários que vão de terça a domingo em um turno de 4 horas de duração que poderá ser pela manhã das 09h00min às 13h00min, durante a tarde

de 13h00min as 17h00min ou no final da tarde até o encerramento do expediente das galerias de 17h00min as 21h00min.

O mediador costuma atender as turmas agendadas diariamente, inclusive aos sábados, e logo que se familiariza com a rotina busca criar estratégias que possibilitem que o tempo de duração das visitas esteja de acordo com o tempo de permanência das turmas. Isto por vezes se torna um desafio devido aos atrasos que acabam por reduzir o tempo de visita aos espaços. Mas pensando em um percurso ideal, no que diz respeito ao tempo, este se constitui de etapas sequenciadas da seguinte maneira.

A primeira etapa consiste em recepcionar as turmas logo que o ônibus chega, onde será dado o aviso para que os alunos deixem as mochilas no ônibus, também será combinado com o motorista o horário para que retorne e busque os alunos, então a turma é encaminhada ao banheiro e ao bebedouro para que se possa dar início à visita.

As etapas intermediárias são elaboradas de acordo com a expografia¹ das galerias sempre priorizando a distribuição das turmas em todos os espaços para que haja mais mobilidade dos visitantes e não aglomeração de espectadores, pois isto contribui negativamente para a dispersão dos alunos.

A etapa final consiste em um exercício prático que é contextualizado a cada exposição onde os alunos são encaminhados para uma sala de oficina. Esta sala foi concedida temporariamente ao Programa Educativo pelo CCBB para a realização das atividades práticas.

E foi nesta sala que na função de mediador pude trabalhar com os materiais reaproveitados. Vale ressaltar que estes materiais foram “resgatados” do lixão – onde são descartados pelo CCBB – e utilizados como ferramenta pedagógica.

Capítulo 2. A ARTE DO REAPROVEITAMENTO

A importância do reaproveitamento nos tempos de consumo – muitas vezes inconsequente – pode ser um caminho pedagógico para a produção prática em Arte-Educação e também para que se possa gerar consciência sobre o impacto que a produção excedente de resíduos inorgânicos por nós seres humanos causa ao meio ambiente e a sociedade. Garrafas PET, plásticos dos mais variados tipos são materiais facilmente encontrados pelas ruas. Ao contrário do papel que possibilita a reciclagem não industrial, tais materiais quando não devidamente coletados se aglomeram em aterros (para não falar no contraste visual quando

presentes na vegetação) e levam centenas de anos para se decompor⁴. O plástico derivado do petróleo, por exemplo, leva aproximadamente 450 anos para deixar de existir. Isto nos faz pensar qual tipo de legado queremos lançar para as próximas gerações. Neste contexto a arte vem nos mostrando que é possível agregar ao discurso ambientalista a realização de objetos contemplativos que exercem poder de encantamento tão grandioso quanto àqueles que se utilizam de materiais dispendiosos como no caso dos metais nobres, madeiras seculares, mármore, etc.

A Arte Povera⁵, por exemplo, no contexto das mediações, poderia servir como provocação para reflexões sobre criatividade a serviço da transformação social.

O artista brasileiro Vik Muniz, bastante divulgado pela mídia, mostra que o lixo pode se tornar também encantador quando é proporcionada sua utilização linear ou pictórica na produção figurativa (fig 2)



Figura 2. Vik Muniz, The Gipsy (Magna), da série Pictures of Garbage, 2008

⁴ Dado retirado no site <www.bloggers.com.br> que possui informações sobre o tempo de decomposição dos materiais. A escolha deste site foi devido ao fácil acesso interativo e informativo possibilitado ao internauta. Neste site encontram-se também informações sobre reciclagem e assuntos que dialogam com a questão do impacto ambiental provocado pelo lixo produzido pela sociedade

⁵ Termo cunhado pelo crítico genovês Germano Celant em 1967 para um grupo de artistas italianos que, a partir da década de 1960, tentaram quebrar a "dicotomia entre a arte e a vida" (Celant: *The Flash Art*, 1967), principalmente através da criação de acontecimentos e esculturas feitas a partir de materiais do cotidiano. Tal atitude se opõe ao papel convencional de arte apenas para refletir a realidade. Informação disponível em: <http://www.moma.org/collection/theme.php?theme_id=10454> Acessado em: 23 de junho 2013.

De acordo com a proposta pedagógica do Programa Educativo que tem como base metodológica a Abordagem Triangular⁶ criada na década de 80 pela teórica Ana Mae Barbosa serão apresentados a seguir alguns resultados de experiências com a utilização de materiais reaproveitados ao longo de exposições que viabilizaram o que segundo Ana Mae, em seu livro *A Imagem no Ensino da Arte*, poderia se caracterizar como “prática problematizadora” que consiste em proporcionar o fazer em arte por via da contextualização das obras observadas, por exemplo, quando o educador possibilita a criação de vínculo entre o fazer por parte do aluno com assuntos referentes ao seu cotidiano ou pertinentes à sociedade em geral.

É importante ressaltar que para Ana Mae “A prática sozinha tem se mostrado impotente para formar o apreciador e fruidor da arte.”⁷ (p.41,2007), no entanto a apreciação tal como a fruição do espectador são etapas inerentes a toda visita em que há o acompanhamento do mediador. Aqui será exposta a etapa da prática contextualizada no que concerne a Abordagem Triangular. Tal prática possui natureza pedagógica e não meramente recreativa como o senso comum insiste em julgar certas vezes.

2.1 A Experiência nos Campana

A exposição **Anticorpos** dos Irmãos Campana realizada de 26 de julho a 23 de setembro de 2011, da qual participei como mediador, trouxe questões sobre a utilização de materiais alternativos na produção de oficinas práticas uma vez que o Programa Educativo é munido de orçamento para a compra de materiais que possam auxiliar na produção. Questões como: Faz sentido apresentar obras em que os artistas têm como *filosofia* o uso de materiais descartados como matéria prima de seus trabalhos e conduzir os alunos para uma prática que demanda recursos de primeira mão? ⁸No que diz respeito à contextualização da prática pedagógica tal problemática evidenciou-se logo que os materiais comprados se tornaram escassos. Outra questão dizia respeito ao fato de que algumas turmas eram “privilegiadas” na

⁶ A Abordagem Triangular consiste em uma educação composta por três seguimentos, são eles: ver (experiência estética), fazer (prática/oficina) e contextualizar (mediação) de acordo com o tema aqui desenvolvido. Estas etapas podem acontecer em qualquer ordem e ainda concomitantemente.

⁷ BARBOSA, Ana Mae. *A Imagem no Ensino da Arte*. 6ª edição. São Paulo: Perspectiva, 2007 (p.41).

⁸ Houve logo no início da exposição o uso indiscriminado de materiais como fitas adesivas coloridas que logo se esgotaram e foram substituídas por tiras de revistas recortadas pelos próprios alunos.

utilização de materiais mais caros – por um uso indiscriminado e por falta de estratégias por parte dos mediadores – sendo que esta exclusividade não condiz com o espírito democrático que nós educadores tanto abraçamos. Foi a partir destas reflexões que apresentei a ideia da oficina de **Emoldurados** (fig. 3, 4, 5, 6 e 7).

Oficina de Emoldurados

- Materiais: Papelão pré-moldado retangular, folha A4 ou partes de cartazes cortados no tamanho A4, sobras de tecidos de vários tipos, revistas, tesoura e cola.
- Objetivo: Criar composição livre que envolva elementos de linguagem visual explorados nos trabalhos dos Irmãos Campana como profusão/economia, simplicidade/complexidade.

Estes conceitos são trabalhados pela autora Donis A. Dondis no livro *Sintaxe da Linguagem Visual* onde podemos identificar o vocabulário necessário para uma leitura descritiva da obra.⁹

Os resultados apresentados a seguir pertencem aos alunos do CEF 113 Recanto das Emas que na época cursavam a 7^o série.

No começo da atividade os alunos logo reconheceram o material das molduras, o papelão, que outrora seria jogado no lixo e que para tal atividade foi muito bem vindo. Houve interesses por parte dos professores em coletar o papelão que fosse descartado aproveitei entre um diálogo e outro para enfatizar o processo construtivo que envolve a utilização de estilete como ferramenta e que deve ser orientado sempre por adultos. Houve críticas por parte de alguns colegas que diziam que “com o papelão já pronto em molduras eliminava-se algumas etapas do fazer construtivo.”¹⁰ Mas apenas o fato de *re-significar* o papelão desencadeava reações de interesse contemplativo nos alunos, como se imaginassem outras possibilidades para este mesmo material e a partir de então explorariam suas imaginações. Pude notar que o fazer lúdico favorece a criatividade e que a economia de matérias favorece a cognitividade e o raciocínio. Foi então que elaborei um mecanismo de pensamento para ter ideias de oficinas para as demais exposições. O fazer pedagógico assim como o processo criativo de um artista

⁹ DONDIS, Donis A. *Sintaxe da Linguagem Visual*. Martins, 2007.

¹⁰ Como aluno de Artes Visuais possuía habilidades e competências necessárias a este tipo de atividades. Nesta exposição dos Irmãos Campana (2011) foi onde iniciou se uma mudança de pensamento sobre o reaproveitamento de materiais a importância do que antes era descartável poder ser reavaliada.

requer labor e modo a aproveitar melhor os 30 minutos de oficina. As oficinas seriam pensadas de acordo com estas três palavras. Simplicidade, Economia e Cognitividade.

- 1) Simplicidade na facilidade em adquirir os materiais necessários à determinada tarefa.
- 2) Economia onde o descarte das oficinas muitas vezes é ignorado e poderia ser reaproveitado.
- 3) Cognitividade como estímulo à aprendizagem de novos conceitos e habilidades por via das Artes.



2.2 A Experiência Cai Guo-Qiang

A exposição intitulada *Da Vincis do Povo* do artista chinês Cai Guo-Qiang que ocorreu entre 5 de fevereiro a 31 de março de 2013 teve incluso em sua proposta expositiva - por recomendação do próprio artista chinês - o incentivo à produção de objetos por parte do expectador com materiais coletados nas próprias lixeiras do CCBB, ou trazidos de casa pelos alunos e visitantes, tais como: recipiente PET, latas de alumínio, tampinhas de garrafa, etc.

Esses modelos produzidos pelos alunos (fig. 9 e 10) e por visitantes espontâneos foram incluídos na mostra expositiva de acordo com a poética do próprio artista que se vislumbrou anos antes em seu país com robôs e aeronaves feitas por camponeses da zona rural chinesa que se utilizaram de sucatas. Alguns destas criações faziam parte da mostra expositiva - com destaque para o inventor Wu Yulu que teve alguns de seus robôs de sucata expostos (fig. 8) - que também incluía trabalhos de instalação e desenhos com pólvora do próprio Cai Guo-Qiang.



Figura 8 - Wu Yulu em seu robô *rickshaw* com peças de sucata

O desafio para a mediação neste caso era aproveitar a oportunidade do fazer lúdico e gerar algum tipo de reflexão sobre consumismo, poluição, assim como reforçar a ideia de autonomia do indivíduo para criar seus próprios objetos lúdicos.

No diz respeito ao exercício prático esta foi uma das exposições em que já trabalhei onde se teve uma das propostas de fazeres mais envolventes para os alunos, como se a ludicidade das tarefas despertassem um interesse renovado no exercício das manualidades, além do vínculo afetivo despertado facilmente para o exercício de determinada tarefa por parte do aluno.

A reação dos professores também foi positiva uma vez que perceberam a possibilidade de incluírem em suas agendas assuntos referentes à importância do reaproveitamento não apenas como paliativo para escassez material. Até o lixo orgânico que pode servir como fertilizante natural no preparo do solo para o plantio, por exemplo, de hortaliças, plantas medicinais, etc. foi citado em alguns comentários.

No caso desta exposição tornou-se pertinente (da minha parte) abordar, mesmo que timidamente, a temática do meio ambiente referente aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) que nos alerta:

“Os rápidos avanços tecnológicos viabilizaram formas de produção de bens com consequências indesejáveis que se agravam com igual rapidez. A exploração dos recursos naturais passou a ser feita de forma demasiadamente intensa, a ponto de pôr em risco a sua renovabilidade”. (p. 173)¹¹



¹¹ Texto retirado dos Parâmetros Curriculares Nacionais em Temas Transversais – Meio Ambiente. Disponível no seguinte site: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/meioambiente.pdf>> em 08 de julho de 2013



Figuras 9 (página anterior) e 10 Registros de oficinas na exposição Da Vincis do Povo – Cai Guo-Qiang

Ao longo da exposição *Da Vincis do Povo*, por exemplo, muitos alunos mencionaram o fato de encontrarem com grande facilidade os materiais utilizados nas oficinas e que a partir então ficariam mais atentos em relação ao lixo produzidos em suas casas. Neste caso a Arte acaba proporcionando um diálogo com a responsabilidade em “gerenciar” a coleta de resíduos em prol de um novo olhar sobre os detritos que se acumulam nos arredores das cidades e ainda viabiliza de certa forma uma parceria entre aluno, educador, relações domésticas e meio ambiente. É interessante também pensar no destino que estes materiais poderiam ter tido caso não fossem “capturados” e *re-significados* como suporte ao exercício de práticas contextualizadas que permitiram aos alunos criarem objetos a partir do lixo ignorado até então. O favorecimento da capacidade criativa por meio de reaproveitamento de materiais descartados é uma lição que se espera incluir como olhar crítico nestes alunos para que estes percebam o quanto é necessário sua participação no processo de conscientização social para um mundo de salubridade e cidadania. Para que assim possa se assegurado um papel de destaque das Artes em suas vidas.

CONCLUSÃO

Desde a exposição Anticorpos – Irmãos Campana venho trilhando acessos para a captação de materiais que tinham como finalidade inicial o lixo, mas que podiam (deveriam) e foram aproveitados nas práticas pedagógicas como sobras de exposições que incluem tintas, pvc usado nas legendas das obras, isopor e papelão usados no transporte das obras sem falar no material produzido pela própria instituição como cartazes e papelão. As lixeiras do CCBB (fig.1), por exemplo, são padronizadas para receber determinados tipos de lixo de acordo com a natureza do material de maneira seletiva, porém sabemos que logo que o lixo é recolhido ele colocado em uma caçamba sem que haja seu devido encaminhamento para reciclagem. Nós mediadores junto com o auxílio da supervisão “interceptamos” muitos materiais que iriam acabar no lixo para serem utilizados em nossas oficinas. E pensar que muitas oficinas, senão todas, de minha parte foram realizadas a partir deste material chega a ser irônico, pois parece que o interesse por educar de certas instituições que trabalham na promoção da cultura esteja jogado no lixo. É óbvio que no contexto educativo o interesse do educador é e sempre será muito mais valioso que qualquer propaganda.

A questão da “sustentabilidade” parece funcionar muito bem como propaganda do que é conveniente e aceito como correto, mas esquecem da economia que se pode ter quando o assunto é reaproveitamento. É preciso ter consciência dos investimentos que privilegiam apenas o compromisso publicitário. Nós mediadores buscamos agregar cognitividade ao material que vai para o lixo e isto parece não atingir aqueles que desconhecem ou simplesmente não querem saber que devemos buscar harmonia e equilíbrio com o meio ambiente ainda mais neste início de século XXI em que a educação ambiental continua negligenciada com o plástico entupindo mais bueiros que servindo como ferramenta para expor uma realidade nociva ao meio ambiente. Sem educação dificilmente haverá conscientização.

O verdadeiro problema talvez esteja na conformidade de se criar multas ou impostos para os que não querem trabalhar a favor do meio ambiente. Talvez esteja em acredita-se muito mais na solução que é pensada para resultados em curto prazo e que servem apenas como meros paliativos. Acredito que pensar em alternativas em Arte-Educação para a utilização de resíduos que “entopem” o planeta pode até não ser suficiente para provocar ou comover os descrentes, mas a ideia está lançada aos aventureiros que enxergam uma possibilidade de transformar lixo em aprendizagem. Quando refletimos sobre o planeta Terra

como um organismo vivo, refletimos também sobre a nossa responsabilidade como seres humanos em preservar o meio ambiente para que este favoreça uma boa qualidade de vida. Qualidade de vida intelectual e social onde a Arte-Educação é uma necessidade e não apenas um serviço terceirizado de natureza restritiva ou simplesmente recreativa.

O processo de conscientização é uma batalha contra modismos e tendências alarmistas na qual a propaganda e a publicidade se apoiam e fatalmente acaba por seduzir a ingenuidade de muitos com a velha transferência de informações que privilegiam interesses políticos e causa certa cegueira para a gravidade de não exercemos, por exemplo, uma simples coleta seletiva de maneira adequada e tanto que isto poderia beneficiar a todos os atores.

Podemos aceitar a conscientização como transformação moral do ser humano que aprende a ser grato pelas belezas da natureza, pela pureza do ar, pelas provocações que a Arte nos apresenta, pelas experiências vivenciais que nos motivam a melhorarmos como indivíduo assim como pelo respeito ao outro, sendo assim este processo de conscientização é um ideal a ser compartilhado por educadores e educandos e Escolas. Sejamos mais responsáveis pela conscientização do futuro e mais agradecidos pelo papel da Arte-Educação em nossas vidas e certamente outras gerações serão mais agradecidas tanto pela Arte quanto pela Educação.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. *A Imagem no Ensino da Arte*. 6ª edição. São Paulo: Perspectiva, 2007.

DONDIS, Donis A. *Sintaxe da Linguagem Visual*. Martins, 2007.

MORIN, Edgar. *O Método: a humanidade da humanidade. A identidade humana*. 3ª edição. Porto Alegre: Sulina, 2005.

Arte Povera. Disponível em: <http://www.moma.org/collection/theme.php?theme_id=10454> Acessado em 25 de junho de 2013

Tempo de decomposição de alguns materiais. Disponível em: <<http://www.blogers.com.br/tempo-de-decomposicao-de-alguns-materiais/>> Acessado em: 24 de junho de 2013

Parâmetros Curriculares Nacionais – Meio Ambiente. Disponível em:

<<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/meioambiente.pdf>> Acessado em: 08 de julho de 2013